

Considerava os animais terrestres como iguais, em natureza, ao homem, e considerava as aves como superiores ao homem.

O céu girava e as estrélas luziam por cima de sua cabeça, mas êle não percebia o movimento do céu, nem o brilho das estrélas.

Para êle não havia terra além do que divisavam seus olhos, nem outros sêres além dos que descobriam os seus toscos sentidos.

Vivia sem conhecer o motivo da sua vida; morria sem ter jamais pensado em morrer.

Oh! se houvêsseis visto, como eu, o homem do primeiro dia, com os seus longos e esquálidos braços caídos, e com as suas grandes mãos que chegavam aos joelhos, o vosso espírito teria fechado os olhos para não vêr, e buscara o sono para esquecer.

Não obstante, não deixeis de glorificar a Deus porque Ele é a sabedoria infinita, e o homem primitivo é uma manifestação, um raio da luz increada, da sabedoria infinita.

#### IV

Tinha findado o primeiro dia do homem; dia de séculos, porque no relógio da humanidade os dias são segundos de segundos, e os séculos de séculos são dias.

Amemos e glorifiquemos a Deus e elevai-lhe cânticos. A humanidade deu um passo nas vias do progresso.

Como penetra no coração o rocio da consolação! Como brilham para o espírito os primeiros albores da luz! Como desperta a alma, trêmula de emoções, ao doce pressentimento de uma felicidade a conquistar nos séculos!...

O homem primitivo não é o homem; a humanidade do primeiro dia não é a humanidade.

O primeiro homem é o primeiro degrau da escada de Jacob: mal se destaca do pó.

O homem é a lei, é o progresso, é o aperfeiçoamento, é a elevação pela matéria, é a purificação pela luz, é o melhoramento pelo mérito, é a felicidade pelo dever, é a palavra de Deus, que subsistirá pela eternidade.

Se o homem do primeiro dia fosse o homem, não teria êle saído do primeiro dia. E o homem saiu do primeiro dia.

Meu espírito vê o corpo do homem, e não cerra os olhos para não vê-lo; contempla sua alma, e não repele a imagem de sua alma.

Começou a luta do espírito com a matéria, e o princípio espiritual avança, ainda que pouco, porém avança.

A primeira jornada augura a vitória do espírito sobre a carne; é o ponto de partida — o princípio do fim do reinado da matéria — e o primeiro anúncio do reinado do pensamento de Deus.

Nessa luta, eternamente secular, o corpo é o crisol do espírito, e o espírito é o modelador, o artífice do corpo.

Depois do primeiro dia da humanidade, o corpo do homem aparece menos feio, menos repugnante á contemplação de minha alma.

Sua fronte começa a debuxar-se na parte superior do rosto, quando o vento açoita e levanta as ásperas melenas que a cobrem..

Os seus olhos são mais vivos e transparentes, o seu nariz é mais afilado e levantado e a sua boca é menos proeminente. Um princípio de expressão se manifesta no conjunto.

Os seus braços são menos longos e esquálidos, as suas carnes são menos secas, as suas mãos menos volumosas e com dedos mais prolongados, os ossos do esqueleto são mais arredondados, mais bem dispostos ao movimento das articulações; maior elasticidade existe nos

músculos e mais transparência existe na pele que cobre todo o corpo.

No seu olhar, ele reflete o primeiro raio de luz intelectual; é o olhar da criancinha, ao despertar a sua alma, ao primeiro despertar da sensação em seu espírito adormecido.

No seu caminhar, já menos lento e vacilante, adivinha-se facilmente a ação inicial da vontade, o princípio das manifestações espontâneas.

Procura a mulher, e não mais a abandona, como no primeiro dia do homem. Assiste-lhe no nascimento de seus filhos, com quem reparte o calor e o alimento. O sentimento começa a despontar.

Move a língua, entorpecida e balbuciente, como a do pequeno pársvulo. Sente novas necessidades — e ensaiá os meios de exprimí-las, para satisfazê-las. Eis o princípio da linguagem: a necessidade.

Julgá inferiores os demais animais e aproveita-se deles para saciar a fome, conforme o seu apetite.

Suspeita que nem tudo acaba onde termina o alcance da sua vista; que, por detrás da sua montanha levanta-se outra, em uma extensão relativamente dilatada.

No seu olhar divisa-se mais surpresa e curiosidade do que estripidez. Foge dos objetos que encontra pela primeira vez; pouco a pouco perde o temor que lhe causa a novidade; evita, aceita — e, por fim, compraz-se em tomar nas mãos o que lhe causou receios. Já o seu rosto, os seus ademanes e as suas exclamações revelam a pueril alegria de que está cheio o seu coração.

É o soldado que acaba de alcançar grande triunfo sobre um invencível inimigo.

O medo é mais poderoso nele que todos os seus cálculos e sentimentos.

O rugido das feras, o estampido do trovão, o fulgor do relâmpago, o sinistro rumor que precede a tem-

pestade, os frequentes tremores de terra, pelas expansões interiores, a erupção dos vulcões, e não só isto, tudo o que é novo, tudo o que é desconhecido, gela-o de espanto, transtorna-o e aniquila-o.

Esquece a companheira, esquece os filhos, e crê que vai morrer.

Porque ele sabe que tem de morrer e o temor da morte sobreleva a todos os seus temores. Ele viu, com medo, cadáveres de outros homens e julga inevitável a morte.

Já não procura a sombra e a solidão, como no primeiro dia; foge das trevas, porque tem medo e foge da solidão, porque se reconhece débil e impotente. A mulher e os filhos são a sua companhia habitual.

Admira, com infantil entusiasmo, a saída do princípio dos astros e renascem as suas recordações e as suas esperanças, pintando-se, no seu rosto, o desânimo e a angústia quando vê o sol perder-se no horizonte. Voltarás? pergunta-lhe entristecido.

E o sol reaparece, porque a satisfação de todos os desejos legítimos da felicidade está prevista na eterna lei que imprime seu movimento aos mundos e dirige a evolução dos seres.

E o homem cai agradecido, de joelhos, ao contemplar o renascimento do sol e, na sua grosseira e incipiente linguagem, exclama: Graças, meu amigo protetor — meu Deus! Tu vens consolar-me. A ti devo a minha felicidade e a minha alegria. Eu te adoro!...

O benefício foi o primeiro deus da humanidade, personificado no sol, porque o sol era o maior dos benefícios que a materializada inteligência do homem podia conceber.

Não tomeis por vitupério essa adoração primitiva; ela é o ponto de partida da religião natural; completada pelo Evangelho de Jesus e pelas sucessivas instruções sobre os pontos obscuros do Evangelho.

Ela é, ainda, a raiz da moralidade das ações humanas — a primeira manifestação de agradecimento da criatura ao poder superior desconhecido.

## V

Adiante! adiante!...

O homem emergiu de sua inofensiva infância. Os seus apetites, os seus instintos, as suas paixões dominam a vontade, que precisa de leme. O homem é uma barquinha agitada pelo vendaval.

Vê a mulher, e sente de chofre o fogo da luxúria. Ai da mulher, se se atreve a opôr-se, a resistir aos seus carnais desejos!

Quebrá-la-á entre as mãos, com a facilidade, com que quebra um frágil caniço a mão contraída do adolescente contrariado.

Os apetites da carne preponderam e exercem no homem uma violenta influência.

Estamos no reinado da carne.

O corpo humano adquiriu toda a sua força e robustez. Não vos falo de sua beleza.

Conheço eu, porventura, o limite da beleza dos organismos humanos? Sei, mesmo, se existe ou não esse limite?

A carne impõe; os seus estímulos são tão poderosos no homem, que obscureceram completamente a sua razão, torcem o seu juízo e pervertem a sua consciência.

Não importa: adiante! adiante!...

O homem julga lícito tudo servir á sua concupiscência. Ainda não pensou em classificar os seus atos, como lícitos ou ilícitos, senão como agradáveis ou desagradáveis.

Sente a força, que em si brota, e corre a satisfazê-la, sem cuidar de meios brandos ou violentos. Se outros homens têm em seu poder o manjar que ao seu

estômago apetece, corre a arrebatá-lo; se para arrebata-lo é mistério matar, mata. Fustigado pela fome, mata do mesmo modo um seu semelhante e devora-o, mesmo que este seja um filho ou a sua própria companheira.

Horrorizai-vos... mas não condeneis. Só compaixão devem inspirar-vos os primeiros extravios da nascente humanidade. Ai! vós não sabeis sobre quem cairia a vossa condenação.

Sente o aguilhão da luxúria, e tudo o impele a satisfazer o seu insaciável e vulcânico apetite.

As contrariedades excitam a sua ira e movem-no á vingança. Irado, perde os traços humanos do seu semblante e não comprehende outra vingança que não seja a morte.

Os seus deuses são o raio e o furacão, símbolos, para ele, os mais expressivos da força e do poder.

O germen de todos os maus instintos que têm nascimento na carne, a semente de todos os impulsos malévolos que têm a sua raiz na consciência, se desenvolvem aceleradamente, e dominam no coração do homem.

O bem moral é desconhecido, o mal é o soberano da Terra, e tem sujeitas ao seu domínio as manifestações da vontade humana.

Não digo da liberdade humana, porque, nessa fase da humanidade, a vontade não é a liberdade; é pouco mais que um impulso mecânico e inconsciente; é uma pequena fagulha luminosa, amortecida pelo frio da insensibilidade afetiva e pelo impulso destruidor das exigências da carne.

Os diabos espalham-se e pululam por toda a extensão da Terra — e insinuam-se enganosamente nas inexperientes criaturas. Incitam, com sedutores afagos, á fornicação — á intemperança — ao egoísmo — ao ódio — á violência — ao homicídio; triunfam sem resistência.

Isto devia ser, e foi, o reinado da carne; — devia